

**“... ALGUMA COISA DE GREGO, DE HELÊNICO, DE SUBLIMAÇÃO DE AMIZADE EM AMOR”: A PRESENÇA DE ELEMENTOS DA ANTIGUIDADE GREGA NA ELABORAÇÃO DAS CONCEPÇÕES FREYREANAS DE SEXUALIDADE E MASCULINIDADE**

Giovanni Accioly Sellaro Júnior  
Universidade Federal de Pernambuco  
gsellaro@hotmail.com

A Universidade de Oxford passou, durante a Era Vitoriana (1837-1901), por uma série de reformas acadêmicas que ficaram conhecidas por *Oxford Movement*. Com raízes no Tratarianismo<sup>1</sup>, havendo dele herdado o postulado da necessidade de modificações no sistema de tutoria vigente na universidade à época, o *Oxford Movement* alcançou seu auge durante as décadas de 1850 e 1860, tendo à frente o teólogo e professor de grego Benjamin Jowett.

Vinculado ao *Balliol College*, onde exerceu as funções de clérigo, tutor e professor, Jowett esforçou-se, tanto em sua prática pessoal quanto através de determinações administrativas, por reforçar os laços de proximidade e amizade entre alunos e professores por meio da tutoria. Tal prática, consistente no acompanhamento, por parte de um professor, do desempenho de seus alunos (por meio de atendimentos individuais ou de pequenos grupos), era considerada, de maneira geral, distante e fria (DOWLING, 1996).

Outro dos desígnios levados a cabo por Jowett tratou da reformulação curricular do curso de *Literae Humaniores* da universidade, também conhecido como *Greats* (curso de “Estudos Clássicos”). Preocupado com o que percebia como sendo uma estagnação cultural da sociedade industrial inglesa, problema cuja solução passaria por um maior dinamismo na formação clássica oferecida por Oxford, Jowett tencionou, junto a outros pensadores helenófilos, “alargar os horizontes dessa

---

<sup>1</sup> Movimento religioso anglicano liderado por John Newman e Edward Pusey, assim denominado devido à difusão, de 1833 a 1841, dos *Tracts of the Times*, publicações de cunho teológico que pregavam a reaproximação entre as Igrejas Anglicana e Católica.

instituição, tornando-a influente na esfera cívica e imperial da sociedade” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 127).

Para tanto, uma das principais atitudes tomadas foi a revisão dos conteúdos ensinados no curso em questão. Os estudos da história, língua, literatura e filosofia da Grécia Antiga adquiriram preeminência em detrimento de seus equivalentes latinos. O pensamento de Platão e Sócrates, os filósofos gregos mais admirados por Jowett e por outros reformadores, tornou-se preponderante na formação dos alunos, em lugar do pensamento de Aristóteles, hegemônico até então. Além disso, perdeu força a análise de particularidades gramaticais dos textos clássicos, que passaram a ser estudados em seus aspectos mais amplos.

Com isso, é possível afirmar que vigorou, na Oxford do período em comento, uma espécie de “helenismo de cunho platônico”, encarado não apenas como estudo da Grécia Antiga, mas como instrumento para a renovação cultural almejada pelos reformadores. Colateralmente, contudo, tal fato foi decisivo para o surgimento do Uranismo, efeito não esperado pelos idealizadores do *Oxford Movement*.

A cunhagem do termo “uranismo” parece ter ocorrido, curiosamente, de maneira simultânea na Inglaterra e na Áustria. Embora alguns autores sustentem que os uranistas ingleses se apropriaram do termo, que teria sido concebido pelo austríaco Karl Heinrich Ulrichs (numa série de panfletos publicados entre 1864-65), também se defende que tais escritores ingleses, versados na cultura clássica, teriam denominado a si mesmos de “uranistas”, sem conhecimento das publicações de Ulrichs.

Seja como for, o termo “uranista” (ou “uraniano”) tem origem no mito grego do nascimento da Afrodite Urânia, que surge do esperma de Urano quando o pênis deste é cortado por Crono e lançado ao mar. Em *O Banquete*, Platão distingue a Afrodite Urânia, arquétipo do amor sagrado, espiritual, da Afrodite Pandemos, nascida de Zeus e Dione, símbolo do amor profano, da atração física e da procriação. É neste sentido que os uranistas ingleses utilizaram o termo para designar o amor entre dois homens, considerado puro e nobre, em oposição ao amor entre homem e mulher, cuja finalidade última seria a reprodução. Não que para Platão o amor *Eros* fosse, necessariamente, ausente da relação entre homem e mulher – era apenas considerado

dispensável (enquanto que, entre homens, constituía condição necessária). Como leciona Foucault,

entre dois cônjuges [homem e mulher] o *status* ligado ao estado de casamento, a gestão do *oikos*, a manutenção da descendência podem fundamentar os princípios de conduta, definir suas regras e fixar as formas da temperança exigida. Em compensação, entre um homem e um rapaz, que estão em posição de independência recíproca, e entre os quais não existe constrição institucional (...) o princípio de regulação das condutas deve ser buscado na própria relação, na natureza do movimento que os leva um para o outro, e da afeição que os liga reciprocamente (2014, p. 249).

Assim, os uranistas ingleses foram um grupo de autores, composto em sua maior parte por egressos do curso de *Literae Humaniores* de Oxford após as reformas empreendidas pelo *Oxford Movement*. Tais autores enxergavam na obra de Platão, especialmente em *O Banquete*, a justificativa para as relações amorosas entre homens, que até então eram vistas de maneira negativa. Dentre os uranistas, destacam-se autores como John Symonds e Oscar Wilde, cujas obras enaltecendo o amor entre homens remetiam ao modelo platônico de uma relação sublime, espiritual e nobre.

Outro uranista influente foi Walter Pater, que havia sido aluno do reformador Jowett na década de 1860 e, posteriormente, tornou-se professor em Oxford. Entusiasta da obra de Platão e do helenismo de modo geral, Pater produziu algumas obras fortemente vinculadas ao esteticismo oxoniano, dentre as quais se destacam seus “Estudos sobre a história da Renascença” [*Studies in the history of the Renaissance*], datada de 1873. Nela, Pater defende a necessidade de se aproveitar as experiências oferecidas pela vida, de modo a desfrutar as oportunidades que nos são dadas. A influência da obra de Pater se fez sentir em diversos autores dos séculos XIX e XX, dentre eles o escritor pernambucano Gilberto Freyre.

Nascido em Recife no ano de 1900, Gilberto Freyre foi, ele mesmo, tocado pela influência do pensamento grego durante sua formação escolar. Tendo estudado no Colégio Americano Batista, Freyre frequentou, na instituição, aulas de latim e de grego, o que era comum à época. A crer nos diários do autor, aos 15 anos traduzia textos em latim e grego – sendo que, neste idioma, chegava mesmo a compor versos; embora declare não ter “vocaçào para ‘Latinista’ nem para ‘Helenista’”, aos 17 anos já se considerava iniciado em filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, “embora de modo nenhum senhor da filosofia de qualquer deles” (FREYRE, 1975, p. 12).

Por outro lado, Freyre desenvolveu desde cedo um sentimento de anglofilia, herdado tanto do pai, Alfredo, quanto de um tutor inglês que teve por volta dos 8 anos de idade, referido em seus escritos apenas como “Mr. Williams”. Embora almejasse realizar seus estudos universitários em Oxford (tendo chegado também a cogitar Paris e Heidelberg), o advento da Primeira Guerra tornou proibitiva a viagem à Europa. Por conta disso, Freyre realizou sua graduação na Universidade de Baylor, no Texas, e sua pós-graduação na Universidade de Columbia, em Nova York.

Ainda em Baylor, Freyre foi apresentado pelo professor Joseph Armstrong, seu tutor, a alguns ensaístas ingleses que influenciaram de maneira acentuada a obra e o estilo de escrita do sociólogo pernambucano. Um desses autores foi o uranista Walter Pater, cuja obra Freyre relatou ter lido por completo durante sua estada em Oxford, em 1922, e relido já de volta a Recife, em 1924.

Como é sabido, Freyre viria a se tornar um dos grandes intérpretes da realidade histórica e sociológica brasileira, o que se evidenciou a partir da publicação de *Casa-Grande & Senzala*, considerada sua obra-prima, em 1933. Enxergada como um dos cânones da cultura brasileira até o final da década de 1960, a referida obra, assim como outros importantes textos do autor, como *Sobrados e Mucambos*, de 1936, apresentam características ensaísticas semelhantes às de autores ingleses lidos por Freyre, como Pater.

Também é notável em tais obras a abordagem de temas de ordem sexual, de forma pioneira. Nelas, Freyre expressa algumas de suas percepções acerca de sexualidade e masculinidade que, dada a repercussão de suas obras, influíram no pensamento tanto de outros intelectuais que analisaram o Brasil na década de 1930, como Paulo Prado e Caio Prado, quanto no público leitor de maneira geral. A importância da figura de Freyre e de sua obra se dá em razão do significado que suas análises assumiram para a compreensão da realidade histórica, cultural e social brasileira. Embora, como foi dito, a partir do final dos anos 1960 a produção intelectual freyreana tenha sido exposta a críticas e questionamentos, sua obra continua sendo utilizada por muitos leitores brasileiros como chave de interpretação do Brasil.

Além disso, a curta permanência de Freyre em Oxford, no ano de 1922 – tendo já concluído a graduação e o mestrado nos Estados Unidos – exerceu profundas marcas no pensador pernambucano. As vivências e impressões de Freyre a respeito da sexualidade entre os alunos de Oxford foram registradas por ele em diversos textos autorreferentes. Neste artigo, iremos nos deter na análise das entradas sob a rubrica “Oxford, 1922” da obra *Tempo morto e outros tempos*, uma compilação dos diários de Freyre de 1915 a 1930, publicada somente em 1975.

## **O Uranismo**

As reformas educacionais levadas a cabo na Universidade de Oxford durante o *Oxford Movement* consistiram, como visto, numa reformulação da tutoria e do currículo do curso de Estudos Clássicos. No que concerne especificamente às modificações curriculares, é possível reconhecer que, no bojo de um movimento mais amplo observado na sociedade inglesa vitoriana, implementou-se em Oxford um “helenismo de cunho platônico”.

Uma das principais obras de Platão, “O Banquete”, contém diálogos relativos à natureza do amor e de suas manifestações. Tal obra foi amplamente utilizada pelos professores do curso de Estudos Clássicos daquela universidade inglesa e causou impressões intensas em muitos dos alunos da época. O amor entre homens é considerado, em alguns trechos, como superior ao amor entre homem e mulher, dado que o primeiro seria de natureza pura, espiritual, ao passo em que o segundo seria de natureza carnal, voltada principalmente para a reprodução da espécie humana.

É no discurso de Pausânias, contido em *O Banquete*, que Platão trata da diferença entre os dois tipos de amor. Para tanto, o filósofo argumenta com base nas diferentes naturezas de Afrodite – a Urânia, ligada ao amor puro, arquétipo do amor sagrado, espiritual, que só seria possível entre homens, e a Pandemos, símbolo do amor profano, da atração física e da procriação, relacionada ao amor carnal. Foi com

base na denominação da *Afrodite Urânia* que um grupo de estudantes egressos do curso de Estudos Clássicos de Oxford passou a denominar a si mesmo como “*uranistas*”, ou “*uranianos*”.

Tais autores tinham em comum uma produção poética distinguida pelo enaltecimento da *paederastia* – latinização do termo grego *paiderastês*, “amor por rapazes”. Entendida deste modo, a *paederastia*, da maneira como era concebida pelos uranistas, não pressupunha, a princípio, o contato sexual entre os amantes; tratava-se, antes, de uma relação espiritual, que se dava no campo das ideias, e não no da carne. Como lembra Pinto, contudo,

Ainda que dissessem não procurar materializar a pederastia grega, somente desfrutá-la no mundo da filosofia, sempre pairava a dúvida do alcance de suas intenções. Seja como for, a delicada (e tensa) separação entre o amor carnal e o sublime amor platônico marcarão profundamente o movimento uranista, nunca o abandonando (2017, p. 135).

Ainda assim, a defesa deste amor inocente, assexual, conferia certa legitimidade ao Uranismo, dado que, ao menos no que se refere ao discurso, escapava-se das “abominações” da sodomia e da bestialidade.

A poesia uranista atingiu seu auge no final da década de 80 do século XIX, com o surgimento de algumas publicações cujo objetivo era o de propagar os trabalhos dos autores uranistas. As mais importantes destas publicações foram os periódicos *The Artist*, *The Spirit Lamp* (editada pelo Lord Alfred Douglas, amante de Oscar Wilde) e *The Chameleon*. Já no início do ano de 1920, uma última tentativa de publicação de periódico uranista, denominada *The Quorum*, foi levada a cabo pela *British Society for the Study of Sex Psychology*; a publicação, contudo, não passou do primeiro número.

Apesar disso, não havia uma organização dos poetas uranistas, devido ao receio de perseguições morais, legais e religiosas. O movimento conhecido por Uranismo durou curtos sete anos, que vão das primeiras publicações, em 1888, até 1894. Após o julgamento e a condenação de Oscar Wilde, em 1895, por corrupção da juventude e indecência sodomita, os autores uranistas se recolheram. Apenas mais tarde, com a fundação da citada *British Society for the Study of Sex Psychology*, em 1913, se deu uma nova tentativa de enaltecer o amor entre homens através da poesia – o que, dado o fato de a publicação *The Quorum* não ter passado do primeiro número, não se mostrou uma empreitada bem sucedida.

Na perspectiva de Foucault, um dos elementos constitutivos da hegemonia da classe média na Inglaterra vitoriana teria sido a intensificação da produção dos discursos em torno do sexo. Defende o filósofo francês a tese de que não teria havido o desenvolvimento de estratégias de repressão do sexo; pelo contrário, ele avalia que ocorreu um estímulo à produção de falas acerca da sexualidade, o que possibilitaria a análise e o controle dos hábitos sexuais da população. Alega ele que,

Em lugar de uma preocupação uniforme de esconder o sexo, em lugar de uma prudência geral da linguagem, o que marca nossos últimos três séculos é a variedade, é a grande dispersão de dispositivos que nós inventamos para falar, para fazer falar sobre isso, para que ele fale por si mesmo, para ouvir, gravar, transcrever e redistribuir o que é dito (1976, p. 47).

Neste sentido, pode-se dizer que o surgimento da poesia uranista se insere em tal movimento de incitação à produção discursiva sobre o sexo. Os poetas uranistas, de posse dos conhecimentos e vivências que lhes haviam sido oportunizados pelos estudos em Oxford, colocaram-se deliberadamente a produzir discursos, em linguagem poética, que tratavam, em última instância, de pulsões sexuais. Por mais que, a princípio, o contato sexual não fosse mencionado – chegando, inclusive, a ser rejeitado no discurso de alguns autores – é evidente que se tratava, ali, de um grupo de homossexuais.

Na concepção de Dowling (1996), entreveem-se, aqui, as raízes da moderna identidade homossexual. A noção de uma *paiderastia* grega, colocada em destaque pelo helenismo de cunho platônico vigente em Oxford, convenceu muitos dos “invertidos” vitorianos de que os sentimentos homoeróticos que eles alimentavam em segredo poderiam simplesmente pertencer à experiência humana comum, em sua plena historicidade e densidade cultural.

Outros aspectos da Inglaterra vitoriana apontam para o desenvolvimento de um ambiente que possibilitou o surgimento de uma identidade homossexual durante o período. Consoante Foucault, não apenas o estímulo à enunciação de discursos em torno do sexo, mas também sua “cientificização” contribuíram para o fenômeno no século XIX. Afirma o pensador francês que

Esta nova caçada às sexualidades periféricas implica uma incorporação de perversões e uma nova especificação dos indivíduos. A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato proibido; seu autor era apenas um sujeito jurídico. O homossexual do século XIX tornou-se um

personagem (...). O sodomita era um reincidente, o homossexual é agora uma espécie (1976, pp. 58-59).

Logo, é aceitável conceber o fenômeno da poesia uranista tanto como instrumento de produção discursiva a respeito do sexo e da sexualidade homossexual quanto como uma consequência de uma época que buscou analisar, ordenar e categorizar as práticas sexuais e seus praticantes. Os homossexuais, a partir de então enxergados como um grupo específico, passaram a buscar formas de expressão de seus desejos e de suas idiossincrasias, e a poesia uranista foi um instrumento importante para a perseguição de tal objetivo no final do século XIX.

### **Gilberto Freyre**

A influência de autores ingleses sobre Freyre se deu desde muito cedo. Seu pai, anglófilo declarado, legou tal característica ao filho. Freyre foi alfabetizado em inglês por um tutor proveniente da Inglaterra, referido em suas memórias apenas como “Mr. Williams”. Este tutor ensinou o jovem Freyre não apenas a ler e a escrever, mas também técnicas de desenho, que julgou serem úteis para despertar as capacidades intelectuais do aluno – dado que, devido à demora de aprendizado de Freyre, sua família começava a desconfiar de que o menino sofresse de algum tipo de retardo mental.

Após isso, Freyre estudou no Colégio Americano Batista, em Recife, que à época reproduzia aspectos do sistema de ensino estadunidense. Tal fato facilitou sua ida, em 1918, à Universidade de Baylor, que também era filiada à Igreja Batista e que já possuía uma tradição em receber alunos provenientes do Colégio em Recife.

Foi em Baylor que Freyre teve os primeiros contatos com autores ingleses que viriam a caracterizar decisivamente sua obra. Através do professor Joseph Armstrong, de literatura inglesa, de quem se tornou amigo, Freyre realizou leituras de autores pertencentes ao mundo literário vitoriano, tais como Carlyle e Ruskin.

No que concerne à influência de autores uranistas sobre o pensamento e a obra do pernambucano, ressalta a presença de dois autores específicos: Oscar Wilde e Walter Pater. Conforme expõem Larreta e Giucci, “Os estudantes de Oxford

subestimavam autores que Freyre havia lido com paixão, como Herbert Spencer e Oscar Wilde, considerado vulgar. Em compensação, Walter Pater estava na moda, em consequência do *revival* estético” (2007, p. 196). Ambos os autores foram citados em diversos escritos de Freyre, e estudiosos da obra do autor pernambucano consideram que o estilo ensaístico da obra de Pater influenciou fortemente o estilo que Freyre viria a desenvolver em suas obras clássicas, tais como *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados & Mucambos*.

Como enunciado, o Uranismo teve seu auge no final do século XIX, tendo sobrevivido, de certa forma, através da criação da *British Society for the Study of Sex Psychology* no início do século XX. É plausível supor, assim, que na Oxford deste período ainda ressoavam ecos uranistas. Tal fato não se dava apenas em relação a produções literárias, mas ao próprio ambiente da universidade.

Foi neste contexto que o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre teve seus primeiros contatos com aquela universidade inglesa. Após realizar a sua graduação na Universidade de Baylor, no Texas – dado que, com a eclosão da Primeira Guerra, a viagem à Europa tornara-se inviável – Freyre seguiu para o Velho Continente com o objetivo de alargar suas experiências, uma vez cessado o conflito mundial.

Freyre chegou a Oxford em outubro de 1922 e passou dois meses na universidade. Não a frequentou como aluno, dado que já havia concluído a graduação em Baylor e o mestrado em Columbia – além disso, dificuldades de ordem financeira impediriam uma estada mais prolongada no continente europeu. Apesar disso, a permanência em Oxford, mesmo que breve, influenciou intensamente sobre o autor, tanto no que se refere às vivências que teve na universidade quanto a seus escritos.

Relativamente aos costumes de ordem sexual, o ambiente de Oxford no período chamou a atenção do sociólogo pelo caráter homoerótico das relações travadas entre alunos e entre alguns professores. Embora a admissão de mulheres já ocorresse desde 1919, os *colleges* femininos ficavam em locais afastados e não havia muito contato entre moças e rapazes.

### **Uranismo em *Tempo morto e outros tempos***

A primeira compilação dos diários de Freyre, acima mencionada, representa um interessante exemplar do extenso material autorreferente produzido pelo sociólogo pernambucano. Tais escritos consistem, dentre outros, em correspondências trocadas entre Freyre e diversos amigos, familiares e personalidades da época, na “seminovela” *Dona Sinhá e o Filho Padre* e, claro, em *Tempo morto e outros tempos*.

A escrita autorreferente, também conhecida como “escrita de si”, consiste justamente em documentos nos quais o autor trata de si mesmo – como os próprios termos explicitam. Tais tipos de produção escrita podem ser encontrados desde a antiguidade. A princípio, tratava-se basicamente de correspondências; como certifica Foucault, ao se debruçar sobre textos autorreferentes na Grécia antiga,

os primeiros desenvolvimentos históricos da narrativa de si não devem ser procurados pelas bandas dos “cadernos pessoais”, (...) cujo papel é permitir a constituição de si a partir da recolha do discurso dos outros; em compensação, é possível encontrá-los pelo lado da correspondência com outrem e da troca do serviço da alma (FOUCAULT, 1992, p. 157).

O advento da modernidade, contudo, assistiu à proliferação da produção de escritos autorreferentes, tanto de correspondências quanto de diários. Segundo Gomes (2004), isto se explica pelo fato de que, a partir do Renascimento, mas principalmente do século XVII em diante, ocorre a consagração do individualismo no mundo ocidental, processo que passa pela conquista de uma série de direitos civis e políticos.

A utilização de textos autorreferentes enquanto objetos de estudo da História e enquanto fontes históricas, contudo, ganhou força apenas no final do século XX. Ainda na esteira do pensamento de Gomes, trata-se da consequência de uma mudança paradigmática no que respeita ao conceito de “verdade” e de “busca pela verdade”. No dizer da autora,

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (2004, p. 15).

No presente trabalho, optamos por nos deter apenas sobre as entradas sob a rubrica “Oxford, 1922” da obra *Tempo morto e outros tempos*. No livro, Freyre apresenta ao leitor o que alega tratar-se de trechos dos diários que manteve de 1915 a 1930 – ao menos os que estavam “em estado de ser lidos e copiados, isto é,

datilografados, como foram, *com um mínimo de revisão pelo autor* (...). Feito um ou outro acréscimo para esclarecer obscuridades” (1975, p. vii, grifo nosso). Com isso, intentamos analisar as impressões de Freyre sobre a sexualidade dos rapazes de Oxford à época (incluindo a sua própria), de modo a identificar o olhar do autor, naquela universidade, sobre ecos do Uranismo, traços da homosocialidade e evidências da homossexualidade entre os alunos.

Algumas das entradas dos diários de Freyre, durante sua estadia em Oxford, que contém seus relatos em torno dos temas acima enunciados, dizem respeito às festas que ocorriam nos *colleges* oxonianos, frequentadas tanto por alunos quanto por professores. Durante tais eventos, regados a muito vinho do Porto, era comum identificar, seguindo as descrições do sociólogo, mostras da intensa amizade que se desenvolvia entre aqueles sujeitos. É o que deixa claro o seguinte trecho:

Pelo *path of excess* no vinho do Porto (...) *dons* e estudantes ainda adolescentes de Oxford, cada grupo na sua esfera, chegam a *palaces of wisdom* a que de outra maneira talvez não chegassem. Continuo com a impressão de que nos *parties* de vinho do Porto aqui em Oxford, que mais de uma vez tenho visto terminarem em danças de rapazes uns com os outros, há alguma coisa de grego, de helênico, de sublimação de amizade em amor; em amor platônico cuja lembrança, depois de passados os *Oxford days*, se dissolve em pura amizade (1975, p. 100).

Tais impressões também ficam claras numa entrada mais adiante, na qual Freyre informa que

Em Oxford não são de todo raras as danças de rapazes com rapazes: danças animadas por muito vinho do Porto que para os ingleses é o vinho dos vinhos. São danças que às vezes terminam em beijos e abraços. (...) Em Oxford, o que se encontra é, antes, a tendência para intensas amizades de rapazes com rapazes semelhantes às que existiam – suponho eu – entre os gregos platônicos. Podem ter às vezes alguma coisa de homossexual. Mas, quase sempre – é o que me parece – um homossexualismo [*sic*] transitório. E não só transitório: platônico (1975, pp. 102-103).

Como se percebe em ambos os trechos, as descrições de Freyre relativamente às festas, à dança e ao vinho são seguidas por análises nas quais ele enxerga, ali, mostras de um amor “grego”, “platônico”, “transitório”. Mas o que o autor pernambucano queria dizer com tais termos? Tratava-se de relações meramente “idealizadas”, ou dava-se, de fato, a consumação de tais amores no plano físico?

Outras entradas do diário permitem entrever respostas para tais questionamentos. É o que nos parece, quando, mais adiante, ao tratar de suas impressões acerca da presença da obra de Wilde e Pater em Oxford, Freyre atesta

que Oscar Wilde não é lido em Oxford como sei que é Walter Pater. Dizem-me que apenas um tanto. Nenhum entusiasta de Wilde no grupo. Um deles porém me diz que há em Oxford quem *pratique* o amor socrático. Não é de todo desprimoroso entre aristocratas embora o seja nas classes média e proletária. Recordo-me então do fato de que nos meus dias de menino e de colegial nunca tive uma experiência homossexual (1975, p. 104).

Portanto, afigura-se claro, aqui, que não somente os próprios alunos da universidade inglesa tinham noção da existência de práticas homossexuais na instituição (referidas por Freyre, neste caso, como “amor socrático”), mas que tanto Freyre quanto seus colegas relacionavam diretamente tais práticas com a leitura das obras dos uranistas Wilde e Pater.

A leitura de *Tempo morto* deixa ainda um questionamento: teria o próprio Freyre se deixado seduzir pelo ambiente homosocial/homossexual oxoniano? Teria ele chegado a se envolver num desses relacionamentos “platônicos” com algum de seus colegas? Aparentemente sim, a julgar por algumas das entradas. É o que fica sugerido no seguinte trecho, por exemplo:

Cortejado não só por lindas inglesinhas como por mais de um louro inglesinho, desde que estou na Inglaterra. Sinto-me um pouco um Romeu moreno entre louras Julietas de toda espécie: inclusive Julieta que preciso de conservar platônico no sentido de todo não-carnal de platonismo (1975, p. 102).

Neste trecho, fica patente que Freyre não somente foi alvo de investidas por parte de colegas homens, como sentiu que precisava manter possíveis relações de maneira “não-carnal”.

Outras entradas sugerem que Freyre envolveu-se, nessa espécie de amor “platônico”, com ao menos dois de seus colegas em Oxford. Um deles teria sido Esme Howard Junior, citado em diversas passagens de *Tempo morto* (1975, pp. 100, 103, 105, 106, 107, 110). Numa delas, Freyre confessa o seguinte: “Quanto mais conheço Esme Howard Junior, mais admiro nele, na sua mocidade limpa, nobre, quase direi luminosa, o que a Inglaterra aristocrática pode produzir de quase perfeito nesse gênero. Sente-se que nele tudo é autêntico e honesto” (1975, pp. 100-101). Noutra

entrada, o autor afirma ainda que “Esme Howard Junior é o que pode haver de mais puro como mocidade inglesa. Chega a ser angélico este aristocrata ainda quase menino” (1975, p. 107).

Embora os trechos acima não permitam, por si sós, confirmar que Freyre nutriu por Howard Junior mais do que apenas admiração, Larreta e Giucci enxergam em tal amizade traços do “platonismo” referido por Freyre em seus escritos. A crer nos autores, este “pode ter sido o caso de sua breve mas intensa relação com Esme Howard Junior, que descreve como um jovem puro e luminoso” (2007, p. 193).

Conforme a pesquisa de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, além de Howard Junior, Freyre chegou a manter um relacionamento amoroso breve, porém intenso, com outro dos amigos que fez em Oxford, Linwood Sleigh. Freyre narra tal relacionamento no rascunho de *Tempo morto e outros tempos*. O relato, contudo, não chegou a ser publicado na versão que veio à luz em 1975, por recomendação do editor José Olympio, amigo do escritor. Encontra-se, inclusive, nos documentos que pertenceram ao autor pernambucano<sup>2</sup> um poema redigido por Sleigh<sup>3</sup>, sob o título de “O hino uranista ao divino herói Antínoo”<sup>4</sup>. Como escreve Pallares-Burke, o poema “consiste numa celebração pungente do uranismo e uma súplica para que Antínoo, erigido em protetor dos amantes, faça prosperar o seu amor (...). A denominação *uranian* dada ao hino deixa claras as associações gregas de um relacionamento homossexual elevado” (2005, p. 136). Tal fato não deixa dúvidas sobre a permanência de uma tradição uranista em Oxford, ainda na segunda década do século XX.

Deste modo, podemos depreender que, de fato, Freyre não apenas observou os ecos do Uranismo, registrando-os em seus escritos, mas vivenciou intensamente o ambiente oxoniano, tanto no que aquele possuía de homossocial quanto de homossexual. A insistência de José Olympio, editor de *Tempo morto* e amigo de Freyre, em solicitar ao autor que retirasse da versão publicada os trechos mais

---

<sup>2</sup> Tanto a versão inicial de *Tempo morto* quanto o poema em questão encontram-se disponíveis para consulta no acervo da Fundação Gilberto Freyre, na bairro de Apipucos, Recife.

<sup>3</sup> A versão publicada de *Tempo morto* contém uma entrada que relata o recebimento do poema por Freyre: ““RECIFE, 1924. Carta de L. S., de Oxford, acompanhada de um poema que me dedica e por ele próprio copiado em letra artística” (p. 134)

<sup>4</sup> [*The Uranian Hymn to the Divine Hero Antinous*]

explícitos acerca de tais fatos, é bastante simbólica, dado que o mesmo livro contém, por exemplo, a descrição de uma experiência zoófila de Freyre, na adolescência<sup>5</sup>.

Buscamos, através deste trabalho, lançar um olhar para as consequências de uma reforma educacional sobre os costumes de uma determinada sociedade. Nesse sentido, é possível afirmar que o *Oxford Movement* não consistiu meramente numa reforma *educacional*, mas também numa reforma *social*, cujos efeitos continuaram a se fazer sentir durante décadas.

Mesmo que não constasse das intenções dos reformadores oxonianos, o surgimento do movimento literário uranista apresenta-se, assim, como desdobramento das modificações curriculares realizadas à época. Aquela corrente de expressão artística permitiu que muitos indivíduos vitorianos expressassem suas sexualidades e legitimassem, desta maneira, sentimentos e práticas que, de outro modo, restariam relegados às sombras das *molly houses*<sup>6</sup> londrinas.

Tal fato chama a atenção para a necessidade da realização de discussões intensas, que devem preceder qualquer reforma educacional – no que diz respeito não apenas aos conteúdos dos cursos oferecidos por instituições de ensino formal, mas também às próprias práticas e paradigmas educacionais adotados.

É possível afirmar que, no que tange ao *Oxford Movement*, o “saldo final” das reformas foi positivo, dado que se viabilizou a realização de uma produção discursiva por parte de sujeitos que estavam à margem da sociedade vitoriana. Por mais que os julgamentos de Wilde tenham representado um freio ao movimento uranista, estavam plantadas ali, como afirmado anteriormente, as sementes da identidade homossexual moderna.

Apesar disso, afigura-se temerária a realização de uma reforma educacional sem ampla participação da sociedade à qual tais modificações se destinam. Em termos concretos, podemos levar em consideração a situação atual do Brasil, país no qual

---

<sup>5</sup> Uma segunda compilação de diários de Freyre foi realizada por ele no final da vida, mas a publicação deu-se postumamente. A obra, intitulada “*De menino a homem: de mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos*”, publicada apenas no ano de 2010, contém relatos bem mais “picantes” do que aqueles que Freyre pretendia ter incluído em sua primeira versão de *Tempo morto*, publicada em 1975. Tal disparidade constituiu interessante testemunho das modificações pelas quais a moral e as escolhas editoriais passaram no Brasil em um período de 35 anos.

<sup>6</sup> Casas noturnas que serviam como pontos de encontro de homens homossexuais na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX.

uma reforma do ensino médio vem sendo empreendida à revelia do debate público e ao arripio dos especialistas em educação. Somando-se a isso o alarde em torno de uma suposta “ideologia de gênero”, que, segundo setores reacionários da sociedade brasileira, deveria ser banida das escolas, e de disparates como o “Escola sem Partido”, desenha-se um quadro sombrio para a educação pública no país, já tão abatida por um histórico de descaso e falta de investimentos.

#### Referências bibliográficas

##### Fontes

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

##### Obras modernas

DOWLING, Linda. *Hellenism and homosexuality in victorian Oxford*. 1 ed. Ithaca: Cornell University Press, 1996.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

\_\_\_\_\_. *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915 – 1930*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2007.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. 1 ed. São Paulo: Unesp, 2005.

PINTO, Renato. Uranismo em Cilurnum? Apanhados e conjecturas de homossexualidades masculinas na Inglaterra vitoriana. In: *Veredas da História*, [online], v. 10, n.1, p. 119-153, julho, 2017.